

## VIDA QUE SEGUE EM TEMPOS DE PANDEMIA: A RELAÇÃO SAÚDE E TRABALHO DOCENTE NA PARAÍBA<sup>12</sup>

**Life that follows in times of pandemic: the relationship between health and teaching  
work in Paraíba**

**Daniely Santana<sup>3</sup>** 

Universidade Federal da Paraíba<sup>4</sup>  
João Pessoa, Paraíba, Brasil

**Valéria Barbosa<sup>5</sup>** 

Universidade Anhembi Morumbi  
São Paulo, SP, Brasil

**Thais Augusta Máximo<sup>6</sup>** 

Universidade Federal de Paraíba  
João Pessoa, Paraíba, Brasil

### Resumo

O trabalho docente na educação básica tem sofrido diversos impactos gerados pelas reformas educacionais da última década. Devido ao fato de a quarentena e o distanciamento social terem sido medidas adotadas pelo Ministério da Saúde para conter a contaminação da população pela Covid-19, as escolas públicas passaram a atuar remotamente, tendo os recursos tecnológicos como mediadores do processo de ensino-aprendizagem. Esse cenário intensificou as dificuldades enfrentadas pela categoria docente, além de ter agravado os impactos à saúde dos trabalhadores e a precarização do sistema público de ensino. Este estudo analisou a relação entre saúde e trabalho de professores da rede estadual de ensino da Paraíba na modalidade à distância. Foi utilizado um instrumento de pesquisa desenvolvido por estagiárias da área de Psicologia do Trabalho em colaboração com um sindicato de trabalhadores da educação. Este instrumento foi composto por questões objetivas e subjetivas distribuídas em duas dimensões: sociodemográfica e diagnóstica. Os dados foram analisados com base na proposta teórico-metodológica da Psicodinâmica do Trabalho, por meio de estatística descritiva e análise de conteúdo temática. Como resultados, destacam-se a sobrecarga de trabalho decorrente das exigências da rede, o aumento na jornada de trabalho e as dificuldades em separar a vida profissional e privada, devido a inserção do trabalho no ambiente doméstico. Por fim, propõe-

<sup>1</sup> Editora responsável pela avaliação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Beatriz Amália Albarello.

<sup>2</sup> Copyright © 2022 Santana, Barbosa & Máximo. Este é um artigo em acesso aberto, distribuído nos termos da Licença Creative Commons - Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o artigo original seja devidamente citado.

<sup>3</sup> [danielyjtsantana@hotmail.com](mailto:danielyjtsantana@hotmail.com)

<sup>4</sup> Campus I Lot. Cidade Universitária, PB, 58051-900.

<sup>5</sup> [contatovaleriabarbosa@gmail.com](mailto:contatovaleriabarbosa@gmail.com)

<sup>6</sup> [thais.maximo@academico.Ufpb.br](mailto:thais.maximo@academico.Ufpb.br)

se a realização de encontros coletivos entre a categoria docente para que se discuta o trabalho, bem como auxiliem na construção da autonomia e no fortalecimento desse coletivo.

**Palavras-chave:** Trabalho; Educação; Saúde Mental.

---

### **Abstract**

The teaching work in basic education has suffered several impacts generated by the educational reforms of the last decade. Due to quarantine and social distancing being measures taken by the Ministry of Health to contain the contamination of the population by Covid-19, public schools started to act remotely, through technological resources. This scenario intensified the difficulties faced by the category, in addition to worsening the health of workers and the precariousness of the public education system. This study analyzes the relationship between health and work of teachers in the state education network in Paraíba during remote teaching. A research instrument developed by the research interns in partnership with a union of education workers was used. It is composed of objective and subjective questions distributed in the socio-demographic and diagnostic dimension. Data were analyzed based on the theoretical-methodological proposal of Psychodynamics of Work, through descriptive statistics and thematic content analysis. As a result, the work overload resulting from network requirements, the increase in working hours and the difficulties in separating professional and private life, due to the insertion of work in the domestic environment, stand out. Finally, it is proposed to hold meetings about work, which allow the construction of autonomy and the strengthening of the collective.

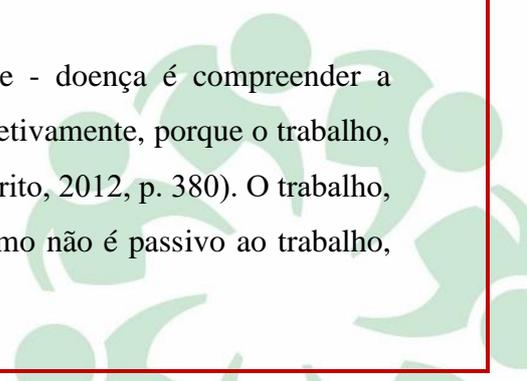
**Keywords:** Work; Education; Mental health.

---

### **Introdução**

Como campo de conhecimento e de prática, a saúde do trabalhador tem como objetivo o estudo das relações entre trabalho e saúde-doença a fim de analisar e intervir nesta relação para a promoção de políticas públicas a partir do Sistema Único de Saúde (SUS) (CREPOP, 2008). Como uma área em contínua construção, ela está sempre sujeita às novas demandas do processo de trabalho, às surpresas do trabalho real e necessita desse vínculo direto com as vivências dos(as) trabalhadores(as). As relações entre trabalho e saúde, nesse sentido, não estão fundamentadas em uma relação direta de causa e efeito, como difundem as perspectivas hegemônicas da saúde, que simplificam a relação trabalho – saúde - doença, mas precisam ser compreendidas a partir das dimensões histórica e social do trabalho (Minayo-Gomes & Thedim Costa, 1997).

Assim, estudar a respeito da relação trabalho – saúde - doença é compreender a “possibilidade real de emancipação do homem, individual e coletivamente, porque o trabalho, nessa visão de mundo, é essencialmente formativo” (Souza & Brito, 2012, p. 380). O trabalho, portanto, é formador da subjetividade do sujeito, mas este último não é passivo ao trabalho,



pelo contrário, apresenta-se como indivíduo reagente, que aplica de si na atividade que realiza. Portanto, analisar a relação saúde-adoecimento no trabalho é compreendê-la enquanto uma dimensão social em relação com a subjetividade de modo bidirecional (Bendassolli & Soboll, 2011, p. 64).

O contexto do trabalho docente na educação básica vem sofrendo diversos impactos que são gerados pelas mudanças advindas das reformas educacionais da última década. Gouveia e Souza (2012) afirmam que algumas dessas mudanças geraram consequências negativas, que estão relacionadas à precarização e fragmentação do trabalho docente. O que deveria ser um avanço ao reconhecimento, acarreta na sobrecarga e insatisfação no trabalho, posto que, além das atividades realizadas dentro e fora da sala de aula, os educadores também participam de atividades ligadas à gestão escolar, como planejamento e elaboração de projetos. Entretanto, os impactos negativos da participação ativa dos docentes são gerados pela falta de reconhecimento monetário e desvalorização da carreira.

Nesse sentido, este trabalho justifica-se pela necessidade de estudos voltados à relação trabalho – saúde - adoecimento de professores(as) durante o ensino remoto na pandemia da covid-19. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 2021), a educação e os setores culturais foram uma das categorias mais impactadas pelas mudanças oriundas da crise sanitária. Sendo assim, a realização de pesquisas voltadas para o trabalho docente permite compreender os desafios vivenciados e construir ações de intervenções coletivas que possibilitem a promoção da saúde mental.

Procurou-se por meio dessa pesquisa, analisar a relação saúde e trabalho dos professores da rede estadual de educação da Paraíba durante o ensino remoto na pandemia, com vistas a contribuir na construção de um espaço de diálogo, acolhimento e ações que possam promover a saúde mental do coletivo de trabalhadores docentes. Para tanto, será apresentada uma breve contextualização do trabalho docente na pandemia, para em seguida discorrer a respeito da Psicodinâmica do Trabalho. Em um segundo momento, descreve-se o método, procedimentos e participantes da pesquisa, seguido dos resultados e discussão.

### ***Trabalho docente e a pandemia***

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2 (OMS, 2020). Em março de 2020, o diretor da Organização das Nações Unidas (ONU) declarou estado de pandemia em razão do nível acelerado de contaminação pelo vírus. No Brasil, os primeiros casos da covid-19 são identificados em

fevereiro e no mês seguinte o Ministério da Saúde, por meio da portaria nº 356/3020, regulamenta as medidas de isolamento, quarentena e distanciamento social.

O fechamento das escolas foi uma das medidas adotadas para o distanciamento social, sendo elas tomadas de modo particular em cada estado. Apesar dessas especificidades, observou-se que o ensino remoto foi adotado na maioria das escolas públicas brasileiras. O Ministério da Educação (MEC) autorizou o formato remoto a partir da portaria nº 343 de 17 de março de 2020 que reconhecia “a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação” (Brasil, 2020, p.1).

O ensino remoto compreende a transferência do trabalho antes realizado no espaço da sala de aula para o ambiente doméstico, por meio do uso de tecnologias diversas, como plataformas de videoconferência, aplicativos de mensagens e redes sociais. Com o fechamento das escolas, os professores vivenciaram transformações radicais no exercício do seu trabalho, passando a utilizar aparelhos eletrônicos e plataformas digitais para transmitir as aulas e acompanhar os alunos por vias remotas (Júnior & Moraes, 2020).

Nesse sentido, o cenário que se estabelece com a pandemia, solicita aos docentes adaptação a novos e complexos processos de trabalho, quer seja na preparação de aulas, ministração dessas aulas de forma remota, distanciamento das suas turmas e necessidade de gerir o trabalho e não trabalho, alinhados em um mesmo ambiente, sua própria casa. Assim, observa-se que o trabalho remoto provocou jornadas de trabalho ainda mais exaustivas. Souza et al. (2021, p. 5) afirmam que:

[...] docentes encontram-se submetidos às novas exigências e mudanças na organização do trabalho, tais como ritmo de trabalho, sobrecargas laborais, burocracia, controle (remoto) de turma e, ainda, o tipo de gestão e ferramentas para controle e desenvolvimento do trabalho, algo que recrudescer com o advento do trabalho remoto.

Com isso, a inserção do trabalho no ambiente doméstico e a alta demanda de tarefas exigidas provocaram o aumento nas horas trabalhadas, onde os docentes acabaram estendendo sua jornada laboral e realizando atividades fora do horário formal. Esse cenário resultou na intensificação e precarização do trabalho e na dificuldade de separação entre vida pessoal e profissional.

Além disso, é importante destacar as inúmeras dificuldades encontradas pela categoria docente, visto que foram os próprios profissionais que dispuseram de equipamentos eletrônicos, serviços de internet, pacotes de telefonia e mobílias para a estruturação e organização do

trabalho remoto. Também é válido ressaltar que muitos profissionais não estavam adaptados ao ambiente virtual e às ferramentas tecnológicas e não receberam formação suficiente para tal.

Diante das adversidades encontradas na nova prática docente em um cenário de pandemia, exercer o trabalho ficou ainda mais desafiador quando inserido em um ambiente doméstico. De acordo com Souza et al. (2021), os desafios desse novo contexto de trabalho atrelado ao ambiente doméstico tornam muito relevantes as discussões sobre questões de gênero, visto que mulheres têm enfrentado jornadas ainda mais exaustivas.

Como afirmam Pinho et al (2021), “as mudanças nas demandas do trabalho docente são agudas e profundas, produzindo elementos que sugerem potenciais efeitos negativos na saúde” (p. 3), uma vez que as condições de trabalho que já eram precarizadas antes da pandemia, foram intensificadas nesse novo contexto de ensino remoto. No caso dos professores das escolas públicas de ensino, a precarização torna-se ainda maior em razão da escassez de investimentos em recursos tecnológicos e em uma estrutura de apoio psicológico à categoria.

Nas regiões Norte e Nordeste, as desigualdades que já existiam foram intensificadas em contexto da pandemia conforme aponta o Índice de educação a distância criado por pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) que indica que os estados com menor PIB per capita obtiveram maiores prejuízos na educação. Conforme este mesmo índice, a Paraíba liderou o ranking nacional na qualidade do ensino remoto durante a pandemia, o que levanta um questionamento: a custo de que a educação na Paraíba liderou esse ranking?

A vacina contra a covid-19 começou a ser distribuída no Brasil em 19 de janeiro de 2021, mas a prioridade à categoria dos profissionais da educação só foi conferida em 29 de maio do mesmo ano. Na capital da Paraíba, foi posta uma ação do Ministério Público Federal e Estadual, para suspender a prioridade da vacinação ao setor da educação, o que foi motivo de luta sindical. Haja vista as dificuldades deste contexto, a categoria precisou lidar também com o mau funcionamento da plataforma virtual de registro de atividades como frequência, avaliações e aulas implantada pelo governo do estado no ano de 2016, problematizando ainda mais o dia a dia do professor durante o ensino remoto (SINTEP-PB, 2021; Governo do Estado da Paraíba, 2021).

Alessi et al. (2021) destaca que todas essas mudanças provocadas pela pandemia atreladas às "condições de trabalho inadequadas, atendimento a questões organizativas e de orientação, adicionado ao preparo de aulas e ao ensino remoto em si, têm levado ao desgaste dos docentes, à exaustão e ao esgotamento da saúde” (p. 18). No aspecto da saúde mental, a problemática relacionada à sobrecarga de trabalho, a convergência entre espaço público e privado, o aumento da carga horária, a presença constante do trabalho nas redes sociais por

meio das mensagens de alunos e da gestão, a ausência do lazer, a inevitável preocupação com o contexto de pandemia, o medo da morte e a dor do luto são intensificadores do sofrimento psíquico no trabalho.

Kuenzer (2021) destaca a natureza capitalista da precarização do trabalho remoto, que propõe novas exigências e desafios ao trabalho e conseqüentemente provoca impactos distintos na saúde mental do(a) professor(a).

Nesse cenário, Oliveira et al. (2017) discutem sobre o trabalho docente se estender para além das horas descritas na jornada de trabalho, invadindo também as horas de lazer e repouso. Com a pandemia e o ensino remoto, muitos desses impactos foram agravados. Souza et al. (2020) destacam ainda a importância de estudos a respeito da saúde mental de professoras e professores. Para essa discussão, Ferreira-Costa e Silva (2019, p.24) consideram que: “É inadmissível que a sociedade continue a ver o professor como alguém que não apresenta problemas de ordem psíquica; um ser capaz de ensinar e aprender nesses tempos de rápidas e constantes mudanças, sem a proposição de condições adequadas para o desenvolvimento do seu exercício profissional.”

Diante das circunstâncias apresentadas, mostra-se imprescindível refletir acerca das condições e organização do trabalho docente, da desvalorização da categoria e dos impactos gerados na saúde desses trabalhadores e trabalhadoras, contribuindo para dar visibilidade ao complexo contexto de trabalho que esta categoria enfrentou e aos impactos que necessitarão de olhares e intervenções a partir da perspectiva da Psicologia do Trabalho.

### ***Psicodinâmica do Trabalho:***

Segundo Bendassolli e Soboll (2011), o trabalho é apreendido pelas clínicas do trabalho, “[...] como atividade sustentada por um projeto de transformação do real e de construção de significados pessoais e sociais” (p. 63). Logo, a proposta das clínicas é restituir a dimensão ontológica do trabalho, compreendendo-o enquanto parte constituinte do indivíduo e do coletivo. Para tanto, as clínicas do trabalho têm como propósito entender o processo de vulnerabilidade vivenciado pelos sujeitos e pelo coletivo, sejam tais vulnerabilidades manifestas ou não pelos indivíduos ou pelo coletivo (Bendassolli & Soboll, 2011).

Enquanto Clínica do Trabalho, a Psicodinâmica “é antes uma disciplina clínica que se sustenta na descrição e no conhecimento das relações entre trabalho e saúde mental” (Dejours, 2012, p. 23). Para esta, o trabalho é compreendido como aquilo que o sujeito oferece de si mesmo para vencer as prescrições que lhe são impostas, ou seja, trabalhar é o espaço entre o

prescrito e o real, entre o que está nas normas e aquilo que é real e subjetivamente realizado pelo trabalhador (Dejours, 2012).

Dejours (1992) afirma ainda que o trabalho se configura como o único mediador eficiente entre o sujeito e seu meio social, indo mais longe quando admite que o trabalho é a condição de acesso à cidadania, é a forma como a subjetividade se inscreve no social, no ético e no político. Nesse sentido, na construção de sua definição de trabalho, a Psicodinâmica do Trabalho reafirma a existência de um intervalo irreduzível entre a tarefa prescrita e a atividade real do trabalho. Assim, trabalhar seria, justamente, preencher essa lacuna entre o prescrito e o real (Dejours, 2004).

De maneira mais pormenorizada, podemos afirmar que, para Dejours (1994), (...) o trabalho é a atividade coordenada de homens e mulheres para defrontar-se com o que não poderia ser realizado pela simples execução prescrita de uma tarefa de caráter utilitário com as recomendações estabelecidas pela organização do trabalho (p. 135).

Nessa busca por superar as prescrições estabelecidas para realizar o que lhe é demandado, o trabalho configura-se enquanto espaço de sofrimento, uma vez que “[...] o mundo real existe. Ele confronta o sujeito levando-o ao fracasso, provocando a manifestação de um sentimento de impotência ou de irritação, de raiva ou ainda de decepção ou de desamparo” (Dejours, 2012, p. 25). As implicações oriundas do trabalho perpassam toda a vida do trabalhador, seja no âmbito privado ou no próprio espaço íntimo, de modo que a relação que o trabalhador estabelece com o trabalho nunca é neutra (Dejours, 2017).

Nesse processo, a inteligência da prática – ou inteligência astuciosa – insere-se no abismo entre trabalho prescrito e real, ou melhor, no sofrimento que este produz. Essa inteligência é mobilizada nos trabalhadores quando confrontados a situações em que experimentam uma frustração e que, por sua vez, solicitam o concurso da invenção, imaginação, inovação, criatividade, ajustamentos. Uma dimensão a ser explorada acerca da inteligência é que ela nasce a partir do sofrimento decorrente do fracasso. Esse sofrimento se constitui não só como uma ruptura que, de certa forma, desestabiliza o sujeito, mas também como um ponto de origem, na busca de meios para atuar sobre o mundo e encontrar a via de resistência aos constrangimentos e fracassos. Dejours (2004) declara que “o sofrimento é a origem da inteligência que parte em busca do mundo para se colocar à prova, se transformar e se engrandecer” (p. 29).

Para a Psicodinâmica do Trabalho, este sofrimento caracteriza-se também como um meio de superação das resistências advindas do real do trabalho, uma maneira de proteção do trabalhador a sua subjetividade, de garantir sua existência no mundo, é a própria manifestação

afetiva do indivíduo diante das demandas que lhe são colocadas pelo trabalho prescrito. Estabelece-se assim uma relação dialética entre sofrimento e prazer, de modo que “os trabalhadores lançam mão de estratégias de defesa individuais ou coletivas ou da mobilização subjetiva, que permitem a transformação do prazer em sofrimento” (Mendes, 2007, como citado em Duarte & Mendes, 2015, p. 324).

Dejours, Abdouchelli e Jayet (1994) ressaltam que o sofrimento no trabalho não necessariamente é patológico. Ele é vivenciado de forma dinâmica, funcionando como um sinal de alerta para evitar o adoecimento. Contudo, quando não há liberdade de negociação entre o sujeito e a organização do trabalho, e o trabalhador não consegue ressignificar seu trabalho, termina por desencadear doenças, tanto físicas, quanto psíquicas. O sofrimento chega a ser patogênico “quando todas as possibilidades de adaptação ou de ajustamento à organização do trabalho pelo sujeito, para colocá-la em concordância com seu desejo, foram utilizadas, e a relação subjetiva com a organização do trabalho está bloqueada” (Dejours, Abdouchelli & Jayet, 1994, p. 127).

Em contrapartida, quando há possibilidade de enfrentar os constrangimentos pela mobilização da inteligência astuciosa, a saúde e o prazer podem ser conquistados, ainda que de forma instável, pois a saúde e o prazer jamais serão definitivamente adquiridos. A saúde consiste em busca, em luta, revelando-se quando a esperança e a criatividade são permitidas ao trabalhador.

Contudo, para que haja busca pelo prazer, é imprescindível para a Psicodinâmica, a existência de um espaço de valorização, de reconhecimento e de diálogos que privilegie o coletivo na organização do trabalho (Duarte & Mendes, 2015). Destaca-se, portanto, a importância atribuída a esta clínica aos coletivos de trabalho e ações de intervenção que não se projetam no individual, “[...], mas intervenções voltadas para a análise da organização do trabalho a qual os indivíduos estejam submetidos. Especialmente para as estratégias construídas coletivamente para dar conta do trabalho prescrito, evitando o sofrimento e buscando o prazer” (Merlo & Mendes, 2009, p. 143).

Sendo assim, a Psicodinâmica do Trabalho é uma abordagem teórico-metodológica, que utiliza do método compreensivo em que “[...] o pesquisador ou o clínico postula como objetivo fundamental de sua investigação a busca do sentido que as condutas e os discursos têm para os operadores antes de decidir qual sentido tem para o próprio pesquisador (Alfred Schütz, 1987, como citado em Dejours, 2017, p. 26). O trabalhador e o coletivo de trabalho são os únicos que podem falar sobre suas experiências subjetivas, sobre os sofrimentos vivenciados. A fala produz

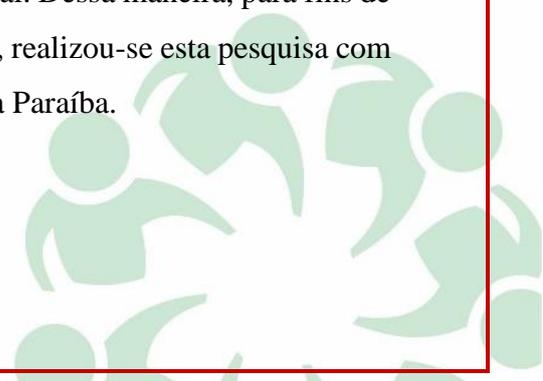
ação, faz submergir os conteúdos inconscientes e o sofrimento neles presente, possibilitando o agir do indivíduo sobre o trabalho a partir da sua resistência (Merlo & Mendes, 2009).

A saúde mental, que para a Psicodinâmica está localizada no espaço entre a patologia e a normalidade, é resultado do modo como o trabalhador lida com o sofrimento oriundo desta lacuna entre prescrito e real e, ou seja, da sua reação e ação inventiva diante do sofrer (Merlo & Mendes, 2009). Segundo Gernet e Dejours (2011) essa reação não se limita ao âmbito individual, mas insere-se em um saber-fazer coletivo composto por regras coletivas de trabalho de caráter técnico e social, de modo que estas regras quando desenvolvidas para acordos coletivos configuram-se no que ele denomina de coordenação.

A coordenação é a base para a cooperação, ainda que a distância entre ambas seja imensa. A cooperação compreende “a vontade das pessoas de trabalharem juntas e de superarem coletivamente as contradições que surgem da própria natureza ou da essência da organização do trabalho” (Dejours, 2004, p. 67). Para que isto ocorra, é necessário a existência de confiança e mobilização subjetiva, ou seja, o desejo do trabalhador em participar do espaço de discussão, para se implicar coletivamente no esforço necessário para superar o real (Dejours, 2004). A psicodinâmica destaca também a importância do reconhecimento para as iniciativas de enfrentamento individual e coletivo por parte do trabalhador, de modo que:

O reconhecimento pelo outro é indispensável para a validação de uma descoberta exitosa na sua confrontação com o real. Quando o sujeito está apartado do real e do reconhecimento pelo outro, ele é remetido à solidão da loucura, conhecida pelo nome de “alienação mental”. Quando o sujeito mantém uma relação suficiente com o real por intermédio de seu trabalho sem que seu trabalho seja, no entanto, reconhecido pelo outro, ele está condenado à solidão alienante que Sigaut (1990) designa pelo nome de “alienação social”. Esta situação é perigosa e não sustentável no longo prazo para quem nela se encontra encerrado (Gernet & Dejours, 2011, p.73).

À vista disso, a ausência de reconhecimento leva a frustração e desmotivação no trabalho, tornando-se uma barreira para a mobilização do trabalhador, o que ataca diretamente a identidade do mesmo. Este ataque torna-se uma problemática à saúde mental, uma ameaça à dinâmica de resistência frente às pressões entre o prescrito e o real. Dessa maneira, para fins de compreender diretamente por meio das vivências do trabalhador, realizou-se esta pesquisa com os(as) professores(as) da rede estadual de educação do estado da Paraíba.



## **Método**

### ***Participantes***

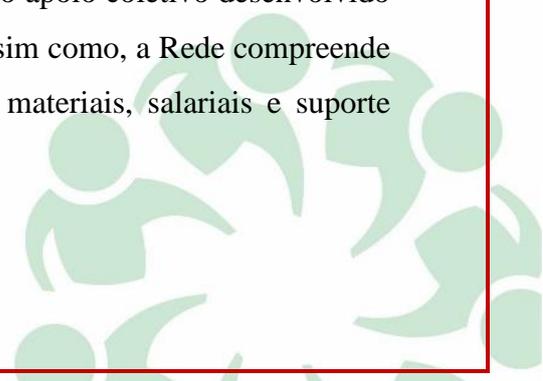
Participaram da pesquisa 663 professores de todos os níveis de ensino da rede estadual de educação que atuaram nas 14 regiões espalhadas pelo estado da Paraíba durante a pandemia da covid-19. O contato com a categoria foi estabelecido em parceria com um sindicato de professores (as) de educação do estado da Paraíba.

### ***Instrumento***

Foi utilizado o instrumento “*Saúde e Trabalho Docente na Pandemia*” elaborado pela equipe da Universidade em parceria com o sindicato e a própria categoria por meio de encontros sistemáticos realizados de forma remota. O instrumento foi composto por questões objetivas e subjetivas, sendo elas distribuídas na dimensão sociodemográfica e diagnóstica.

As questões foram elaboradas a partir de análise da literatura e apresentada aos professores do sindicato que fizeram correções e sugestões para chegar ao modelo final. Além dos dados sociodemográficos, o instrumento foi construído em torno de quatro temáticas: Atuação, Implicações do Trabalho na educação para a saúde, Pandemia e Apoio da Rede. A primeira temática buscou compreender características gerais do trabalho dos professores como tipo de contrato, jornada de trabalho, nível e modalidade de ensino que atuam, remuneração, região de atuação e tempo de serviço na educação.

A temática *Implicações do trabalho na educação para a saúde* teve o objetivo de compreender a respeito das implicações do ensino remoto na vida dos professores, dentre estas as mudanças nas responsabilidades no trabalho, a existência ou não de uma rede familiar de apoio na realização das tarefas domésticas, a satisfação com o salário em relação ao tempo dedicado ao trabalho e os problemas de saúde relacionados. No tema *Pandemia*, abordou-se questões relacionadas ao impacto da pandemia na saúde docente, seja ela física ou mental. Por fim, na temática *Apoio da Rede*, procurou-se compreender sobre o suporte do coletivo de trabalho, ou seja, as relações de trabalho entre os professores e o apoio coletivo desenvolvido no formato remoto para superação dos desafios do trabalho. Assim como, a Rede compreende o suporte externo oferecido pelo estado, através de recursos materiais, salariais e suporte psicológico.



Como critério de exclusão foi posta como primeira pergunta do instrumento, a questão: *Você é docente da rede de educação estadual da Paraíba?* Em caso negativo, o respondente não obtinha acesso ao instrumento completo. A pesquisa foi disponibilizada durante 30 dias via Google Forms, através de redes sociais e site do sindicato.

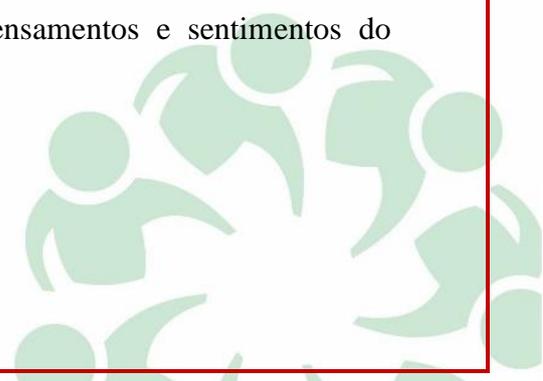
### ***Procedimento***

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética (CEP), sendo aprovada sob o parecer nº 4.822.734 e CAAE: 47702821.8.0000.5188. Em seguida, foram realizados encontros semanais, totalizando seis reuniões com a comissão de três professoras integrantes do sindicato de trabalhadores da educação. Os momentos visaram estabelecer uma aproximação com o sindicato e construir coletivamente a pesquisa por meio das demandas suscitadas pela categoria.

O comitê apresentou as questões consideradas pertinentes para compor o instrumento. Foi realizada uma etapa de aplicação piloto, onde alguns professores analisaram o funcionamento do link e deram sugestões relacionadas à interpretação. Após a finalização do mesmo, a pesquisa foi disponibilizada via Google Forms e divulgada no site do sindicato onde esteve disponível por 30 dias. Encerrado o período de resposta, os dados foram analisados por meio de estatística descritiva e análise de conteúdo temática. Os resultados foram entregues em um relatório geral à comissão do sindicato. Ademais, foi realizada uma *live* em rede social para divulgação dos resultados da pesquisa com participação dos docentes de todo o estado da Paraíba.

### ***Análise dos dados***

Na pesquisa diagnóstica, os dados objetivos foram analisados por meio de estatísticas descritivas, utilizando o programa Excel. Para as questões subjetivas, foi realizada pesquisa qualitativa por meio da análise de conteúdo temático, que segundo Minayo (2012), permite compreender as vivências pessoais por meio da linguagem, sendo essas vivências, únicas para cada indivíduo, ainda que experienciadas coletivamente. Tal análise permite uma reflexão analítica da linguagem que repercute em ações, crenças, pensamentos e sentimentos do trabalhador.



## Resultados e discussão

A rede estadual de educação da Paraíba é composta por 14 regiões distribuídas em todo o estado, composta por conjuntos de municípios. O total de 663 docentes de todas as regiões participaram da pesquisa. No que diz respeito aos dados sociodemográficos, os participantes tinham uma média de idade de 45 anos, sendo a categoria de 31 a 40 anos a que mais destacasse em quantidade de respondentes (211 respondentes). Com relação ao sexo, mais da metade dos participantes da pesquisa são mulheres, representando 61,4 % dos docentes, seguido por 38,3% de homens. Sobre a raça, 49,3 % dos docentes identificam-se como pardo, seguido de 40,7% docentes que se autodeclararam brancos, 7,9 % pretos, 1,2% amarelos e 0,9% indígenas.

A respeito do nível de ensino, 79,8 % dos docentes trabalham no ensino médio, 34,9% no ensino fundamental dois, 19,6% com jovens e adultos, 5,3% no ensino fundamental um, 1,4% na educação infantil e 1,4% na educação especial. Da totalidade dos participantes da pesquisa, 56,3% trabalham no ensino regular e 44,6% na modalidade de ensino integral. Com relação a sua condição no serviço público, 64,2% dos docentes fazem parte do quadro permanente da rede estadual de educação da Paraíba, 22,7% são prestadores de serviço e 12,8% possuem mais de um vínculo empregatício. No que tange ao nível de escolaridade, mais da metade (67,5%) dos respondentes possuem pós-graduação, 30,5% curso superior completo e 1,4 % superior incompleto.

As informações do perfil socioeconômico dos professores ajudam a compreender de modo particular os impactos da pandemia no trabalho. As dificuldades enfrentadas na modalidade regular diferem das vivenciadas na modalidade integral e vive versa. Professores que atuaram no nível da educação infantil enfrentam desafios diferentes em razão da idade e do acesso do alunado à tecnologia. Assim também, o tipo de vínculo empregatício estabelecido também aponta para vivências específicas de cada grupo (Ferreira et al, 2009).

Nas perguntas: *Como você avalia a sua experiência no ensino remoto? Qual a maior dificuldade enfrentada por você na atuação como professor (a) na pandemia?* Os docentes trouxeram algumas das dores e demandas por eles vivenciadas. Foram levantadas importantes colocações a respeito do sofrimento, angústia, ansiedade e também alegrias da experiência no ensino remoto. Para tanto, as falas foram divididas em quatro temáticas, as quais foram intituladas com base em citações dos próprios professores. A temática ‘*Se vira nos trinta*’ discorre das pressões da gestão escolar, as cobranças burocráticas e a dificuldade em lidar com a tecnologia associada a ausência de recursos não disponibilizado pelo governo do estado.

A segunda temática '*Tudo junto e misturado*' aborda a dificuldade de separar vida pública e vida privada no ensino remoto e junto a isso a diminuição dos momentos de lazer e descanso na vida do(a) professor(a). A temática 3 discute sobre '*Ninguém se vê e mal se escuta*', um sentimento muito presente nas falas dos(as) professores(as) ao expressarem a desmotivação sentida pela ausência dos alunos e colegas de trabalho nas aulas remotas, intensificando o sofrimento já provocado pelo isolamento social. Por fim, a temática *Vida que segue a todo custo* aborda a relação de todas as temáticas anteriores com o adoecimento no trabalho.

Alguns professores (as) avaliaram a experiência no ensino remoto destacando as pressões da gestão escolar e a sobrecarga de trabalho, fruto da demanda de tarefas extras acrescentadas ao trabalho já realizado, como uma professora menciona trata-se de "Uma espécie de se vira nos 30". Com o trabalho em *home office*, os docentes passaram a ser mais cobrados na prestação de relatórios, listas de presença online e até mesmo em atividades como a entrega de cestas básicas e de material impresso aos alunos que não conseguiam acompanhar as aulas remotas, como consta nas falas abaixo:

Trabalho muito, a minha realidade de planejamento de aulas e atividades é exaustiva, atividades online, atividades impressas, aulas, atendimento de estudantes e familiares responsáveis, preenchimento do sistema Saber, busca ativa de alunos infrequentes, prazos e metas para cumprir, resumindo, são muitas horas sentado em frente ao computador (P1).

Traumática, senti assédio, descaso, cobrança excessiva, muitas ordens injustas e sem nexos impostas, tipo a classificação do aluno no final do ano, 3 termos distintos, uma série de critérios quantitativos e enfadonhos para o professor ser massacrado para conseguir concluir suas tarefas, a inconsistência do sistema da caderneta digital online. Pelo amor de Deus! É sofrimento! (P2).

Desgastante. Muito trabalho para pouco resultado. Além da baixa adesão dos alunos às aulas online, ainda vem as "ordens de cima" para mover todo mundo, mesmo sem a mínima participação. Para mim, isso não está ajudando a educação, mas mascarando um problema que deveria ser discutido e solucionado. O resultado de melhor média do Brasil é totalmente incompatível com a realidade vivida na educação estadual da Paraíba (P3).

Dejours (2009) afirma que as formas atuais de organização do trabalho oriundas do sistema neoliberal são responsáveis pelo aumento das patologias corporais e mentais no trabalhador, o que no contexto da pandemia é ainda mais intensificado pela pretensão tanto por parte do governo do estado como da gestão, de mascarar uma escola que "funciona", que produz

a todo custo como afirma P3. As pressões, descaso e demandas de atividades online refletem nos dados que apontam o impacto da saúde em razão do trabalho no período de ensino remoto, em que 41,8% dos docentes reconhecem que sua saúde foi mais ou menos afetada pelo trabalho, 39,7% muito afetada, 11,9% pouco afetada e 6,5 % não foi em nada afetada pelo trabalho.

Como P2 afirma “é sofrimento!”, um sofrimento oriundo de um sentimento de fracasso, de impotência diante da sobrecarga e pressões do prescrito. Para a Psicodinâmica, “o real do trabalho sempre se manifesta efetivamente para o sujeito, aí se estabelece uma relação primordial de sofrimento, experimentada pelo sujeito, corporificada” (Dejours, 2004, p. 27), de forma que o trabalho é esta lacuna entre o prescrito e o real, é engajar a si para superar os obstáculos do real do trabalho.

No contexto da experiência dos(as) professores(as), o real torna-se ainda mais desafiador, diante da necessidade de domínio das tecnologias para a transmissão das aulas. Os acontecimentos inesperados, as anomalias no funcionamento tomaram forma no computador, na internet, na tecnologia necessária para o exercício do *saber-fazer* do trabalho, o que demandou novas habilidades e conhecimento técnico, como identifica-se a partir das falas abaixo:

Preciso sempre de ajuda de filhas pra atender às demandas e tentar aprender um pouco a lidar com as TICs, que são muito complicadas. Não me adaptei ainda como planejar aula com essas tecnologias e nem tenho equipamentos modernos para trabalhar. Enfim, não me acostumei ainda com as dificuldades (P2).

Um pouco insatisfeito, pois o estado não fornece recursos para que seja ministrada uma aula satisfatória, pois há falta de equipamentos, além de que não tenho local específico para ministrar aulas e minha internet é insatisfatória (P3).

Mesmo procurando fazer o melhor, dentro do que sei, me deparo com dificuldades nas tecnologias que remetem-me a sentir insatisfação naquilo que até então era uma completa realização levando-me a uma grande ansiedade com sensação de frustração (P4).

Como essa “inteligência do corpo se forma no e pelo trabalho; ela não é inata, mas adquirida no exercício da atividade” (Dejours, 2004, p. 29), o processo de superação foi lento e adoeceador diante dos desafios do ensino remoto, atrelado a uma pandemia repentina e a falta de estruturação dos estados e municípios no oferecimento de apoio técnico e recursos tecnológicos. A inteligência para superar o real passa exatamente pelo reconhecimento do fracasso, como P4 ao afirmar que ainda não se adaptou às tecnologias, ou seja, ainda fracassa

diante deste desafio. Enquanto reconhece o fracasso, simultaneamente a inteligência traz à tona a invenção, a tentativa de fazer dá certo, como se identifica na fala de P4, quando diz que procura fazer o melhor dentro do que sabe (Dejours, 2017).

A temática '*Tudo junto e misturado*' é oriunda de muitas falas dos(as) professores(as) com relação à dificuldade de conciliar o trabalho com a vida pessoal, uma vez que as dimensões privada e pública sofreram mudanças radicais na definição dos seus limites, o limiar entre o espaço de trabalho e a vida pessoal tornou-se indefinido. Associado a isto, tem-se também a questão de gênero, uma vez que as mulheres tiveram nesse contexto a dupla jornada de trabalho presente o tempo todo, aulas remotas e atividades diversas da escola junto com os afazeres domésticos.

No item a respeito das responsabilidades em casa as opções mais selecionadas dentre as tarefas domésticas foram de fazer compras e pagar contas (81,4%), cuidar da limpeza (77,8%), cozinhar (68%), lavar/passar roupas (60%), serviços de manutenção da casa (45,5%) e cuidar das crianças/adolescentes (36%). Como era possível a marcação de mais de um item nessa questão, provavelmente mais de uma dessas tarefas é de responsabilidade dos docentes enquanto estão em casa.

Uma professora afirmou que suas maiores dificuldades no ensino remoto foram “as cobranças excessivas e falta de tempo para descansar sem acumular serviço de casa ou do trabalho. Quando cuida da casa atrasa as atividades do trabalho ou vice-versa, terminando sem tempo para descansar” (P6). Tem-se assim uma jornada estendida de trabalho, o de casa e o da escola coexistindo em um mesmo espaço. Outras falas remetem a dificuldade de viver o lazer, de desfrutar do descanso. A casa tornou-se um ambiente de trabalho constante, como é possível identificar nos relatos abaixo:

A quase impossibilidade de separar a vida pessoal da vida profissional, está tudo misturado, o que causa um problema grave. Alunos entram em contato na hora que quer, até de madrugada, Sistema Saber não funciona durante o dia, nos obrigando a trabalhar a noite/madrugada para alimentar o sistema. Demandas abusivas por parte da secretaria de educação e regionais para os gestores escolares e para os professores (P1).

Lidar com prazos propostos pelo trabalho e a falta de lazer e descanso, pois, devido à pandemia não foi possível sair de minha casa, ao mesmo tempo, tornou-se meu lar e meu local de trabalho (P2).

Os alunos não entendem que tem horário específico para tirar dúvidas deles e dias, porque eles não querem saber o horário e o dia mesmo vc

falando que naquele momento é horário de descanso seu, pq depois eles vão falar que não estamos dando assistência a ele, aí muito vezes eu digo qdo vem perguntar pq eu não respondi pq veio falar às 22h, 01h da manhã, sábado ou domingo, e mando provando que era meu horário de descanso, pq depois das 17hs eu estou no meu horário de descanso (P3).

Conciliar a vida do trabalho com a vida pessoal, tendo em vista que a gestão envia e cobra demanda até no nosso horário de descanso (noite e final de semana). A gestão exige a todo momento dedicação exclusiva à escola e que estejamos disponíveis as oitos horas diárias/semanal (P4).

Conciliar o home office com a vida pessoal está bem complicado. Não estou conseguindo separar meus horários para ter lazer e descanso com minha família (P5).

Dejours (2017), destaca que “quando a relação com o trabalho torna-se patogênica, surgem frequentemente consequências deletérias no espaço privado” (p. 13) e no contexto de ensino remoto as consequências são ainda mais prejudiciais, uma vez que o espaço privado e de trabalho tornaram-se um só. Ainda que o trabalho não se limite ao espaço/tempo da sala de aula, uma vez que o mesmo é mobilizador de toda a personalidade do trabalhador, ou seja, da sua subjetividade, o ensino remoto provocou a convergência destes dois espaços em apenas um, o que também aumenta a sobrecarga de trabalho (Dejours, 1988).

Os dados apontam que no que compreende a jornada de trabalho, no contexto da pandemia, 67,5% dos professores afirmam que *a quantidade de atividades que realizo ultrapassa a minha carga horária de trabalho*, 47,9% que *atendo as demandas do meu trabalho mesmo no meu horário de lazer*, 36,9% que *Estou trabalhando horas extras não remuneradas*, 21,9% que *a quantidade de atividades que realizo é compatível com a minha carga horária de trabalho* e 2,3% que *a quantidade de atividades que realizo é menor do que a minha carga horária de trabalho*.

A contradição entre estar em casa e ao mesmo tempo não desfrutar da família, do lazer, do descanso é muito recorrente nas falas dos professores. Por outro lado, destacam os benefícios desse novo contexto, como a aproximação com familiares. Uma professora afirma que sua experiência no ensino remoto foi “cansativa e estressante”. Mas, ao mesmo tempo, criei uma relação com minha filha que não existia antes, já que trabalhava muito e só estava com ela a noite” (P6). Ainda assim, importa considerar que *o tudo junto e misturado* entre trabalho e casa traz implicações em sua maioria negativas para a saúde do trabalhador e seus efeitos se manifestam física e psicologicamente.

Outra temática muito presente nas falas dos(as) professores(as) é com relação ao sentimento de invisibilidade e solidão no trabalho. Uma professora afirma que o ensino remoto

é como “tentar sincronizar remadores num barco, sendo que ninguém se vê e mal se escuta” (P9). Muitos alunos não puderam acompanhar as aulas remotas por falta de recursos tecnológicos ou por dificuldades de adaptação. Os professores, por outro lado, depararam-se com dois tipos de isolamentos, o físico proveniente das barreiras higiênicas estabelecidas na pandemia e o isolamento social, fruto da falta de convívio com os alunos e colegas de trabalho.

Alguns deles afirmaram:

Como tudo, cheia de altos e baixos, porque mesmo diante de todas as dificuldades enfrentadas nesse período, a dedicação e o esforço em motivar meus alunos têm sido persistentes, mas falta o *feedback* que às vezes não acontece, aí vem a frustração. Principalmente em saber que nem todos os alunos estão tendo o acesso às aulas online (P1).

Momento de muita aprendizagem, oportunidade de experimentar novas metodologias, porém essas experiências e aprendizagem estão voltadas ao ambiente virtual. O lado humano ele parou de existir, o fato de você ver o desenvolvimento dos alunos não existe, boa parte (ou todos) ficam com as câmeras e microfones desligados e a sensação é que você está na aula sozinha, isso chega a ser frustrante, uma vez que, se gasta horas e mais horas com o planejamento e por vezes não se tem nenhum *feedbacks*, não existe muita interação o ambiente não permite conhecer bem as pessoas, conversar, criar laços de amizade, que são pontos que acredito serem essenciais no ensino (P2).

Os professores apontam para a espera por reconhecimento que para a Psicodinâmica é de natureza simbólica, no sentido da constatação e gratidão pelo trabalho realizado, pelos julgamentos proferidos pelo Outro e que constitui parte da identidade do Eu (do trabalhador). De modo que “a retribuição simbólica acordada pelo reconhecimento provém da produção do sentido que ela confere à vivência no trabalho” (Lancman & Sznelwar, 2004, p. 74), podendo a construção de sentido do trabalho gerar transformação do sofrimento ao prazer.

Neste sentido, percebe-se que a ausência dos alunos na tela (“câmeras desligadas”), o desinteresse na realização das atividades remotas, como P1 afirma a falta do *feedback*, do retorno, da constatação do trabalho realizado, das aulas preparadas e acrescentado a isto, o insucesso do trabalho, o aluno que passou de ano sem aprender de fato, sem fazer uso do que foi realizado pelo professor. Todos estes fatores culminam no sentimento de frustração, na desmotivação com o trabalho e no sofrimento. Sendo o trabalho constituinte da subjetividade, tem-se então adoecimento gerado pela crise de identidade, pela ausência de sentido do trabalho.

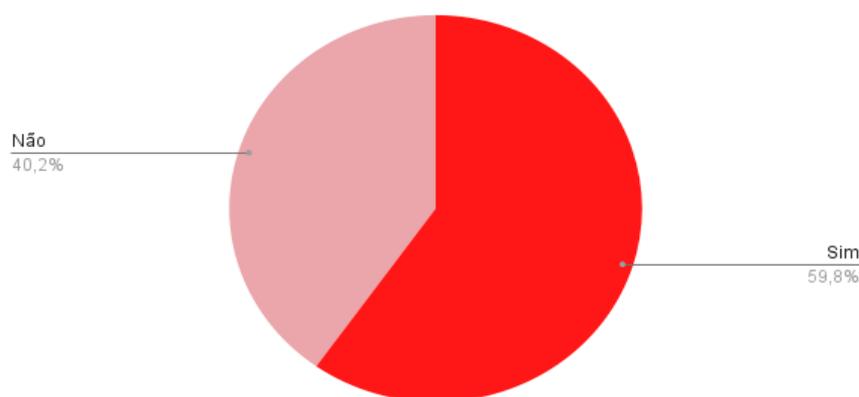
Por fim e unido às temáticas anteriores, está o tema sobre adoecimento no trabalho remoto. Uma professora afirma que sua maior dificuldade no ensino remoto é “o sentimento de

desesperança e desânimo por realizar um trabalho que não atinge os alunos... o sentimento de vida que segue a todo custo, sem termos tempo ou condições de sentir e processar cada perda e toda essa tragédia” (P10). Essa vida que segue a todo custo reflete o sofrimento proveniente do trabalho vivo, que a psicodinâmica caracteriza enquanto “aquilo que o próprio trabalhador precisa de inventar e acrescentar às prescrições para que as coisas corram bem” (Dejours, 2013, p. 12).

Ao serem questionados sobre o desenvolvimento de sintomas físicos ou psíquicos relacionados ao trabalho durante a pandemia, 59,8% dos docentes afirmam que *sim*, desenvolveram algum sintoma, enquanto 40,2% negam ter desenvolvido algum adoecimento relacionado ao trabalho durante a pandemia, conforme Gráfico 1.

**Gráfico 1.** *Adoecimento físico ou psíquico durante a pandemia*

Você desenvolveu algum sintoma físico ou psíquico relacionado ao trabalho durante a Pandemia?



**Nota:** Retirada da pesquisa “Saúde e Trabalho Docente na Pandemia” - UFPB.

Portanto, falar de adoecimento no trabalho, não significa exclusivamente o sentido patológico do termo, ainda que nele também se reflita. Trata-se por outro lado, de “um estado de luta do sujeito contra as forças (ligadas à organização do trabalho) que o empurram em direção à doença mental” (Brant & Minayo-Gomez, 2004, p. 219) e que se reflete em estratégias de enfrentamento a essas forças, em uma tentativa de superação.

Duarte e Mendes (2015), pontua que “uma das maiores angústias no âmbito da educação é a dificuldades em lidar com a impotência perante as questões que surgem no cotidiano de trabalho” (p. 328), questões estas, ainda maiores no ensino remoto. Tem-se assim, desafios ainda mais complexos no trabalho, na lacuna entre o prescrito e o real, e que associado ao

contexto de uma pandemia mundial, com cerca de 613 mil mortos até o momento no Brasil, tornou-se ainda mais nocivo à saúde mental do(a) professor(a).

No que diz respeito aos problemas de saúde relacionados ao trabalho, os que obtiveram maior porcentagem foram os de stress (69,8%), ansiedade (63,7%), dores de cabeça (55,4%), problemas de sono (52,7%), irritabilidade (47,9%), problemas de visão (42,6%), problemas musculares e das articulações (42%), problemas da coluna vertebral (39%), mudanças bruscas de humor ou alterações de comportamento (33,7%) e problemas ligados ao sistema nervoso (33,5%). Além destes, também foram encontrados problemas de voz (31,1%), problemas respiratórios (17,7%), depressão (15%), varizes (13,1%) e problemas de audição (9,7%). Importante considerar que como era possível a marcação de mais de um item nessa questão, provavelmente mais de um problema relacionado à saúde foi identificado por um respondente.

Concomitante a esta precarização do trabalho docente, ocorre também o esfacelamento dos coletivos neste novo contexto, consequência não somente do isolamento social, mas de uma transformação sociopolítica e econômica. Para a Psicodinâmica, o desenvolvimento de estratégias coletivas de enfrentamento é de fundamental importância para a superação do real, para o fortalecimento coletivo. Como conjunto de regras elaboradas para superar a lacuna entre o real e o prescrito, estabelecida entre os professores (Duarte & Mendes, 2015), estas estratégias foram enfraquecidas durante o formato remoto de ensino. As relações foram fragilizadas, perdurando o sentimento de solidão no trabalho, tal como reconhece P4, a respeito da sua experiência no ensino remoto “Ruim, porque não tenho colaboração por parte da escola e nem por parte dos alunos. Sinto-me trabalhando sozinha”.

### **Considerações finais**

Diante do cenário de pandemia causada pela Covid-19, o isolamento social foi tomado como uma das principais medidas para conter a propagação do vírus. Algumas profissões precisaram modificar as suas formas de atuação, afetando principalmente os setores que são tradicionalmente desenvolvidos por atividades coletivas, como é o caso da educação. Sendo assim, docentes passaram a realizar suas atividades através de recursos tecnológicos, adaptando o ambiente de trabalho ao espaço doméstico.

Com esse novo contexto de trabalho, também surgiram novas dificuldades nos processos laborais. Dentre elas, têm-se aquisição e utilização de ferramentas tecnológicas, uso de recursos digitais, preparação de materiais impressos, aquisição de mobiliário para escritório e aumento na quantidade de reuniões e demandas advindas da gestão escolar. Além disso,

professores também enfrentam dificuldades na separação entre vida pessoal e vida privada, visto que o ambiente doméstico foi invadido pelo trabalho remoto.

Esta pesquisa torna evidente o adoecimento mental vivenciado pelos(as) professores(as), provocado pelas novas exigências do contexto de pandemia, precarização das condições de trabalho, alta demanda de atividades, insatisfação salarial e escassez de recursos tecnológicos. Portanto, este artigo contribui para a análise da relação saúde e trabalho dos professores da rede estadual de educação da Paraíba durante o ensino remoto. Propõe-se a nível de aprofundamento desta análise, a realização de grupos de trabalho, a fim de ouvir diretamente o trabalhador (a) no espaço do coletivo permitindo com isso a construção da autonomia e o fortalecimento do coletivo.

Os resultados obtidos ao longo deste estudo, possibilitam não apenas compreender as angústias da categoria durante, como também permite a elaboração de ações de intervenção que possam promover o diálogo e a escuta desses trabalhadores a fim de pensar ações coletivas de promoção da saúde mental. Ainda que coletados em formato remoto, os dados obtidos evidenciam a vida docente na pandemia, a vida que segue diante dos diversos desafios e transformações exigidos pelo trabalho.

A natureza da relação trabalho e saúde/adoecimento é complexa, o trabalho é a implicação que o trabalhador oferece de si, dos gestos, do corpo, da inteligência, da criatividade e do pensamento. Esta pesquisa, portanto, evidencia os impactos desta implicação de si na vida dos(as) professores(as) e as suas consequências na saúde/adoecimento.

Por fim, reconhece-se as limitações desta pesquisa, uma vez que ao analisar o trabalho dos (as) professores (as), faz-se no lugar de interlocutor e não de especialista, logo, as falas utilizadas compõem uma parte de um todo maior. Associado a isto, as limitações do próprio formato remoto, no qual a pesquisa foi realizada, o que restringiu o contato ao dia-a-dia de trabalho e aos (as) próprios (as) trabalhadores (as).



## REFERÊNCIAS

- Alessi, S. M., Soares, M. S., Pereira, C., Martinez, M. M. C., & March, C. (2021). A crise sanitária aliada às consequências da pandemia pela Covid-19 no contexto da crise do capital. *Universidade e Sociedade/Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior-Brasília: Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior. Ano XXXI*–no.
- Bendassolli, P. F., & Soboll, L. A. P. (2011). Clínicas do trabalho: filiações, premissas e desafios. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 14*(1), 59-72.
- Brasil, 2020. *Portaria n. 343, de 17 março de 2020*. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>
- Brant, L. C., & Minayo-Gomez, C. (2004). A transformação do sofrimento em adoecimento: do nascimento da clínica à psicodinâmica do trabalho. *Ciência & Saúde Coletiva, 9*(1), 213-223.
- Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP). (2008). Saúde do Trabalhador no âmbito da Saúde Pública: referências para a atuação do(a) psicólogo(a) / Conselho Federal de Psicologia (CFP). -- Brasília, CFP, pp. 1-71. Fonte: [https://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2009/10/CREPOP\\_Saude\\_Trabalhador\\_x2x.pdf](https://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2009/10/CREPOP_Saude_Trabalhador_x2x.pdf)
- Ferreira, L. L., de Araújo, T. M., & Batista, J. H. L. (2009) O trabalho de professores na Educação Básica na Bahia. Ministério do Trabalho e Emprego, FUNDACENTRO.
- Dejours, C. (1988). A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. In: A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. 1-158.
- Dejours, C. (1992). Para uma clínica da mediação entre psicanálise e política: a psicodinâmica do trabalho. Em: Lancman, S. e Sznelwar, L.I. (orgs). (2004). *Cristophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro/Brasília: Fiocruz/ Paralelo 15.
- Dejours, C (1994). O trabalho como enigma. Em: Lancman, S. e Sznelwar, L.I. (orgs).(2004). *Cristophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro/ Brasília: Fiocruz/ Paralelo 15.
- Dejours, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção, v. 14, n.3, p. 027- 034*.
- Dejours, C. (2009). Entre o desespero e a esperança: como reencantar o trabalho. *Revista Cult, 139*(12), 49-53.
- Dejours, C. (2012). Trabalho vivo: trabalho e emancipação. *Brasília: paralelo, 15, 77-92*.
- Dejours, C. (2013). A sublimação, entre sofrimento e prazer no trabalho. *Revista portuguesa de psicanálise, 33*(2), 9-28.
- Dejours, C. (2017) *Psicodinâmica do trabalho: casos clínicos*. Editora Dublinense.

- Dejours, C.; Abdouchelli, E.; & Jayet, C. (1994). *Psicodinâmica do trabalho: Contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo, SP: Atlas.
- Duarte, F. S., & Mendes, A. M. B. (2015) Psicodinâmica do trabalho do coletivo de profissionais de educação de escola pública. *Psico-USF*, 20(2), 323-332.
- Ferreira, L. L., de Araújo, T. M., & Batista, J. H. L. (2009) O trabalho de professores na Educação Básica na Bahia. Ministério do Trabalho e Emprego, FUNDACENTRO.
- Ferreira-Costa, R. Q., & Silva, N. P. (2019). Níveis de ansiedade e depressão entre professores do Ensino Infantil e Fundamental. *Pro-Posições*.  
<https://www.scielo.br/j/pp/a/prLXmmdXG3hdQWTSBgm6JZD/?lang=pt>  
<https://doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0143>
- Gernet, I.; & Dejours, C. (2011). Avaliação do trabalho e reconhecimento. In Bendassolli, P.; Soboll, L. (Org). *Clínicas do trabalho*. (pp. 61-70). São Paulo: Atlas.
- Gouveia, A. B., & Souza, A. R. (2012). Os trabalhadores docentes da educação básica no Brasil em uma leitura panorâmica. In: Oliveira, D.A., & Vieira, L. F. (Org.) *Trabalho na Educação Básica: a condição docente em sete estados brasileiros* (19-42). Fino Traço.
- Governo do Estado da Paraíba. Vacinação dos trabalhadores da educação começa em toda a Paraíba. Governo do estado da Paraíba. <<https://paraiba.pb.gov.br/noticias/vacinacao-dos-trabalhadores-da-educacao-comeca-em-toda-paraiba>>. Acesso em: 19 de novembro de 2021
- Júnior, J.F., & Moraes, C. C. P. (2020) A covid-19 e os reflexos sociais do fechamento das escolas. *Dialogia*, 36, 128-148.
- Kuenzer, A. Z. (2021) A precarização do trabalho docente: o ajuste normativo encerrando o ciclo, 235-250. *Trabalho docente sob fogo cruzado*. Organizadores Jonas Magalhães et al., 1. ed. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2021 (504 p; v.2).
- Lancman, S., & Sznalwar, L. I. (2004). Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho (346-346).
- Merlo, Á. R. C., & Mendes, A. M. B. (2009). Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: teoria, pesquisa e ação. *Cadernos de Psicologia Social do trabalho*, 12(2), 141-156.
- Minayo-Gomez, C., & Thedim-Costa, S. M. F. (1997). A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. *Cadernos de saúde pública*, 13(2), 21-21.
- Minayo, M. C. S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & saúde coletiva*, 17(3), 621-626.
- Oliveira, A. d. S. D., Pereira, M. d. S., & Lima, L. M. (2017). Trabalho, produtivismo e adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras. *Psicologia Escolar e Educacional*.  
<https://www.scielo.br/j/pee/a/V3Twyq9cC536hK6PyGqhQBQ/?lang=pt>  
<https://doi.org/10.1590/2175-353920170213111132>

Oms, 2020. Doença por coronavírus (COVID-19), 2020. [https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab_1)

Pinho, P. D. S., Freitas, A. M. C., Cardoso, M. D. C. B., Silva, J. S. D., Reis, L. F., Muniz, C. F. D., & Araújo, T. M. D. (2021). Trabalho remoto docente e saúde: repercussões das novas exigências em razão da pandemia da Covid-19. *Trabalho, Educação e Saúde*, 19.

Souza, K. R., Santos, G. B., Rodrigues, A. M. d. S., Felix, E. G., Gomes, L., Rocha, G. L., Conceição, R. d. C. M., Rocha, F. S. d., & Peixoto, R. B. (2021). Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. *Trabalho, Educação e Saúde*. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00309>

Sintep-PB. Em defesa da vacinação dos(as) professores(as) em educação. <https://www.sintep.pb.com.br/noticias/visualizar/em-defesa-da-vacinacao-dos-trabalhadoras-em-educacao-561>

Unesco (2021, novembro 10). <https://pt.unesco.org/news/unesco-apresenta-pesquisa-impactos-da-pandemia-no-setor-cultural-e-promove-debate-em-evento>

<b>Contribuições das autoras</b>	
Autora 1	Administração do Projeto; Investigação; análise dos dados, Escrita.
Autora 2	Investigação; Escrita, Revisão e Edição
Autora 3	Supervisão, escrita do artigo, validação e edição

